

Ravensbrück: o sofrimento reservado às mulheres no Terceiro Reich

Evelyn Reis Bergamim
Graduada em História - UFES
Mestranda pelo PPGG - UFES

RESUMO: A presente comunicação apresenta alguns fatos acerca do cotidiano, da organização interna e das condições de sobrevivência do campo de concentração de Ravensbrück no Terceiro Reich, além das estratégias Nazistas para atingir os seus objetivos de aprisionar, humilhar, escravizar e por fim, exterminar. A partir de pesquisa bibliográfica e depoimentos das mulheres sobreviventes que contribuem de forma imprescindível para o preenchimento de lacunas e construção da história, expõe peculiaridades deste campo exclusivamente feminino inaugurado em 1939, ainda antes do início da Segunda Guerra Mundial, devido ao crescente número de mulheres nas prisões alemãs e que esteve em funcionamento durante toda a guerra. Ravensbrück e seus subcampos foram palco de inúmeras expansões, experiências médicas, trabalho forçado, exploração do corpo feminino, parte integrante aos esforços de guerra e genocídio, mas também de resistência e luta pela vida.

Palavras-chave: Ravensbrück; Campo de concentração feminino; Holocausto; Testemunho de sobreviventes do Holocausto.

ABSTRACT: This paper presents some facts about daily life, the internal organization and survival conditions of the Ravensbrück concentration camp in the Third Reich, as well as the Nazi strategy for controlling its objectives of imprisoning, humiliating, enslaving and ultimately exterminating. Based on bibliographic research and testimonies of surviving women who contribute in an essential way to filling gaps and construction of history, it exposes peculiarities of this exclusively feminine field inaugurated in 1939, still before the beginning of World War II, due to the increasing number of women in German prisons that are in operation throughout the war. Ravensbrück and its subfields of numerous expansions, medical experiments, forced labor, exploitation of the female body, an integral part of war and genocide, but also resistance and struggle for life.

Keywords: Ravensbrück; Female concentration camp; Holocaust; Testimony of Holocaust survivors.

Em janeiro de 1933, Adolf Hitler, foi nomeado chanceler da Alemanha. A partir do incêndio do Reichstag, em 27 de fevereiro deste mesmo ano, o líder do Partido Nazista justificou o golpe de Estado sob alegação de suprimir seus adversários políticos e

iniciou a promulgação de inúmeros decretos, como o Decreto do Presidente do Reich para a Proteção do povo e do Estado emitido pelo presidente Hindenburg, que proibia a liberdade pessoal, de opinião, de imprensa, de associação e direito de fazer reuniões. Nessas circunstâncias muitos adversários políticos foram presos e detidos nos *Konzentrationslager*, campos de concentração, criados devido ao número elevado de prisioneiros, subversivos da sociedade, onde era-lhes dado trabalho com o intuito de educá-los e discipliná-los para que recuperassem a razão.

Os ideólogos do nazismo buscavam investir em expressões como *Weltanschauung*, que seria a visão de mundo, ou seja, ver para além do mundo concreto, ao passo que o inimigo poderia estar próximo mesmo tendo convivido durante anos na mesma vizinhança, sem nunca ter feito mal a alguém. Movidos por pontos ideológicos como este, cidadãos comuns esforçavam-se a descobrir o inimigo e denunciavam a tal ameaça ao corpo nacional.

Em 1934 houve o interesse em adquirir terras na pequena comunidade de Ravensbrück ao norte de Fürstenberg, às margens do rio Havel, influenciado pelo bom acesso por ferrovia, pelo rio e por estar localizada em uma área de belezas naturais, visto que o Reichsführer-SS Heinrich Himmler acreditava que a limpeza do sangue alemão ocorreria junto à natureza. Em novembro de 1938, segundo Saidel (2009, p.29), a construção do campo teve início pois os “nazistas perceberam que a guerra era iminente e se tornava necessário um grande campo de concentração para prisioneiras políticas e dissidentes femininas”.

O campo de concentração de Ravensbrück, o único exclusivo para as mulheres, foi inaugurado em 1939 recebendo as primeiras prisioneiras vindas principalmente do campo de Lichtenburg por meio de uma viagem de ônibus longa e com pouca assistência. As prisioneiras pensavam estar sendo levadas para um local melhor e encantaram-se com a floresta que cercava o seu destino, entretanto, ao aproximarem-se do campo começaram a ouvir gritos e latidos de cachorro. Logo o ônibus parou e as mulheres que ainda tinham um pouco de força começaram a ajudar as desmaiadas e debilitadas, ganhando em troca cães avançando em suas pernas e gritos, mal sabiam que naquele local ajudar ao próximo era uma falta.

Encarcerar e punir prisioneiras políticas e antissociais enquanto a Alemanha preparava-se para a guerra e posteriormente utilizá-las como trabalhadoras escravas era o objetivo original do campo, porém após 1939, com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, prisioneiras dos países ocupados pelos nazistas passaram a ter este campo como destino.

Pontuando a década de 1930, em que o partido nazista chega ao poder e Hitler inicia sua ditadura, a organização social era comumente caracterizada por divisão de papéis específicos ao gênero, ou seja, a atuação da mulher era mais forte na comunidade, na vizinhança com trocas e cortesias, no domínio doméstico onde a mulher era responsável pela família em seu apoio emocional, organização, atenção, não sendo permitido a ela votar e participar de cargos políticos, já os homens responsabilizavam-se pelo apoio econômico. Diante disso, como afirma Hyder (2009), para as mulheres foi muito mais difícil emocionalmente o momento de cerceamento social da perda da comunidade, perda do lar com suas casas invadidas e violadas pelos perpetradores, a deportação e prisão em guetos destacando-as de seu refúgio.

Várias instituições foram utilizadas para realizar o projeto da Solução Final judia, porém como afirma Goldhagen (1997), o campo foi a instituição modelo da destruição e genocídio, simbolizando características centrais da Alemanha e além de ter abrigado o desenvolvimento de aspectos essenciais da revolução nazista, constituído em um novo e completo subsistema dentro da sociedade, uma vez que este sistema não estava incorporado a nenhum outro sistema da sociedade. No sistema de campos não se aplicavam as regras morais e práticas que governavam a sociedade alemã “comum”. Para Goldhagen (1997, p. 186) “o mundo do campo foi a maior obra institucional da Alemanha no período nazista”.

Ravensbrück foi construído para abrigar 3 mil prisioneiras, porém devido ao crescente número excedente, passou por constantes ampliações durante seus seis anos de existência. Como pontua Helm (2017), até o ano de 1940 o campo possuía aproximadamente 21.000 metros quadrados com 16 barracas, já no início de 1945, o campo de mulheres estava bastante expandido, com 32 barracas, além dos campos satélites de trabalho. Contudo, as expansões nunca eram o bastante, os blocos estavam sempre superlotados, já que o número de mulheres que chegavam ao campo era superior ao que este poderia abrigar.

No início, os únicos homens no campo de Ravensbrück eram prisioneiros de Dachau e Sachsenhausen que foram deslocados a fim de trabalharem na construção dos blocos, porém como o campo passava constantemente por ampliações, a solução encontrada foi a de construir um pequeno campo masculino em anexo, por trás dos muros cercados de arame farpado, sendo o contato sexual quase impossível.

Himmler, chefe da Schutzstaffel (SS) e administrador geral dos campos de concentração, buscava estabelecer uma organização que possibilitasse estes serem autossuficientes, como a existência e manutenção de hortas, galinheiros, pomar, árvores de frutas e o conteúdo das latrinas serviria de adubo. Além disso, exigia que os campos compartilhassem recursos com os demais que não os possuíam, como por exemplo, Ravensbrück não possuía forno em sua cozinha, então os pães eram levados diariamente de um campo masculino próximo.

O sistema de organização de prisioneiras por categorias através de triângulos de cores e números não era diferente em Ravensbrück. As mulheres judias recebiam triângulos amarelos, as prisioneiras políticas recebiam vermelhos, das Testemunhas de Jeová a cor era o roxo, preto para as antissociais e verde para as criminosas, e aos triângulos era adicionada a primeira letra da nacionalidade para facilitar a identificação, os quais ambos eram costurados pelas próprias prisioneiras, que recebiam as roupas, agulha e linha após passarem pela desinfecção.

Caso a prisioneira tivesse sido presa por mais de um motivo, por exemplo, judia e antissocial, deveria costurar o triângulo amarelo sobre um pedaço quadrado de tecido na cor preta. Em relação aos números, eram impressos em uma pequena tira de tecido que deveria também ser costurado no ombro esquerdo dos casacos. As prisioneiras também eram separadas por blocos conforme as categorias recebidas ao chegarem no campo.

Os triângulos verdes em campos masculinos eram selecionados para atuarem como *kapos*, ou seja, os chefes de blocos que vigiavam os demais prisioneiros, entretanto em Ravensbrück, os triângulos verdes não eram de gangues criminosas, mas apenas mulheres que haviam cometido pequenos delitos, segundo Helm (2017). Assim, neste campo os triângulos pretos também eram destacados para exercerem tal tarefa, diferindo-se do masculino ainda mais por contar com as *Püffmutter*, cafetinas de

bordéis que eram indicadas para administrar um bloco por possuírem experiência em bordéis.

Apesar de Ravensbrück ter sido o único campo exclusivo para as mulheres, nos demais campos, seções eram criadas para recebê-las a fim de evitar ao máximo sua interação com os homens, por um lado para desmoralizar as vítimas separando-as dos entes queridos e por outro, prevenindo a procriação da vida, que segundo os nazistas era indigna.

Muito se discute e estuda sobre os testemunhos dos sobreviventes do Holocausto geralmente a partir das experiências de homens, havendo a necessidade da valorização dos relatos das mulheres que fornecem um outro olhar acerca da vivência nos campos de concentração e revelam algumas peculiaridades relacionadas ao gênero, ponto importante para melhor entendimento da política nazista quanto ao tratamento aos prisioneiros e prisioneiras.

A memória possui uma linguagem sob a qual nossa memória é armazenada e depois passada para o discurso ou escrita, implicando na complexidade apresentada na forma da escrita dos testemunhos, podendo ser empregada para um objetivo sóbrio ou fins coletivos de memória, podendo ser questionado o seu realismo, uma vez que, segundo Le Goff (1990), a memória pode sofrer perturbações e com isso, ser retraída ou transbordada. Relaciona-se com o passado, estabelece uma interação entre esquecimento e preservação e atua como matéria-prima para a história, que ao objetivar sua compreensão, analisa e reflete.

A valorização da memória dos sobreviventes é de extrema importância para o enriquecimento da história que se conhecia dos campos, até então contada por aqueles que não viveram na pele o dia a dia nestas fábricas de morte. “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (LE GOFF, 2003, p. 471).

Em Ravensbrück o trabalho não era menos pesado. As prisioneiras eram obrigadas a construir as estradas dentro do campo e os alojamentos para os guardas da SS. Para transportar as pedras, elas formavam uma corrente humana. Depois que a guerra começou a crescente mão de obra escrava no campo foi explorada ao máximo, sendo

empregadas em empresas privadas que contribuía para o esforço de guerra, como na construção de partes de foguetes para a companhia elétrica Siemens.

Em um dos subcampos do campo principal estava construída a fábrica da Siemens, que segundo o depoimento de Rubinstein para Saidel (2009, p. 118), em linhas gerais possuía condições melhores de alimentação, vestimenta, higiene e abrigo. O subcampo era pequeno, cercado de arames elétricos e composto por quatro barracões de alojamentos suficientemente limpos, onde cada mulher recebia uma cama nos beliches, mais comida que no campo principal e, depois do trabalho, podiam lavar as mãos e rosto sempre que quisessem.

Outra fábrica de destaque foi a Texled, cuja principal oficina de costura ficava em Ravensbrück, sendo um dos maiores empreendimentos da SS, contava com equipamentos modernos e dependia, quase exclusivamente, do trabalho forçado do campo que era responsável por costurar, principalmente, uniformes para a Waffen-SS além de uniformes para as prisioneiras. Segundo Helm (2017), as prisioneiras que trabalhavam nesta fábrica conviviam diariamente com o ruído ensurdecedor das máquinas e o ar carregado de poeira.

Em 1942, após a visita de Himmler, os barracões da oficina foram ampliados e seu funcionamento alterado para diurno e noturno, as prisioneiras passaram a trabalhar em turnos de 11 horas e novas cotas de confecções foram impostas a serem cumpridas. Ravensbrück também era um dos principais depósitos de roupas e peles confiscadas, as prisioneiras trabalhavam como escravas em serviços de remodelação numa subsidiária das Empresas Dachau.

O campo satélite de Ravensbrück, Neustadt-Glewe, foi fundado em 1944 com o objetivo de fornecer trabalhadoras para uma fábrica de aviões projetada para uma base aérea do campo. A maior parte da existência do campo as prisioneiras trabalhavam em dois turnos de doze horas montando asas, motores e fuselagens no aeroporto, outras eram destinados serviços físicos pesados, como levar aviões para a pista, derrubar árvores e trabalhar na fábrica de concreto vizinha.

Fela Kolat esteve neste campo e foi levada para uma barraca que não possuía beliches, apenas o chão, e não havia espaço para deitar, além disso as paredes estavam cobertas de piolhos e percevejos, não possuíam água nem chuveiros. Como

conta “ali a sopa era água pura e o pedaço de pão era do tamanho de uma torrada” (SAIDEL, 2009, p. 173).

Ao contrário de Neustadt-Glewe, o outro subcampo de Ravensbrück, Neubrandenburg, possuía instalações para a limpeza das prisioneiras como conta Doris Fuks “as instalações sanitárias eram duas construções a algumas centenas de metros dali uma das quais possuía encanamento e torneira. [...] havia outro edifício, a casa de banho para eliminar piolhos, parte da qual servia de prisão” (SAIDEL, 2009, p.183).

Segundo Fuks o desjejum era as quatro horas da manhã e era servido “uma infusão não-adoçada que era chamada de café. Nada mais. Ao almoço, uma sopa feita de repolho ou nabos. Nada mais. Nenhuma carne, nenhuma gordura, só água e areia” (SAIDEL, 2009, p.183). No jantar era servida uma fatia de pão e apenas a parte líquida da sopa de repolho ou nabos. Aos domingos, em vez de sopa, era servido uma concha de café, uma porção microscópica de margarina e uma fatia de *cervejas*, ou linguiça seca.

Apesar de as regras do campo estipularem que as mulheres não deviam trabalhar aos domingos, segundo Rubinstein “aos domingos a fábrica não funcionava, mas trabalhávamos no jardim do comandante, de modo que nunca tínhamos um dia de folga” (SAIDEL, 2009, p.119). .

Nos anos anteriores a 1944 o campo já operava com número de prisioneiras excedente ao planejado, sob condições de higiene cada vez mais precárias o que piorou com a deportação em massa de judias da Hungria e das evacuações de Majdanek, Auschwitz e outros campos em meados deste ano. As barracas não comportavam mais mulheres, então foi erguida no meio do campo tendas com piso de palha, não tinha água, cobertores ou beliches, todas dormiam no chão apertadas umas sobre as outras.

Foi neste período que Himmler ordenou a construção da câmara de gás do campo para maior eficiência do extermínio, pois até então utilizavam câmaras adjacentes ao campo o que dependia de uma logística bem organizada de transporte das vítimas. Devido a superlotação, em dezembro de 1944, Uckermark, um campo próximo, foi parcialmente esvaziado para ser usado como campo de seleção e extermínio para

Ravensbrück. O campo já possuía crematório, sendo os restos mortais jogados no lago próximo.

Antes de entrar nas câmaras de gás disfarçadas de banheiros para banho e desinfecção, as mulheres eram ordenadas a tirarem suas roupas e após a morte eram encaminhadas para os crematórios. As mortes por fuzilamento não cessaram, e algumas eram cremadas ainda com roupas, como declarou em seu julgamento, o SS Obersturmbannführer Johannes Schwarzhuber.

Principalmente quando o campo ainda não havia sucumbido a desorganização, superlotação e Solução Final, ao chegarem em Ravensbrück, as mulheres eram contadas, registradas nos livros contábeis e conduzidas ao prédio que passariam pela desinfecção. Antes do banho, elas deveriam despir-se de todas as roupas, acessórios e bens ou quaisquer itens que carregavam, colocá-los em uma sacola de papel pardo e seguir para o banho. Algumas prisioneiras eram separadas para terem seus cabelos cortados rente ao couro cabeludo e passarem por depilação íntima. Passada a desinfecção, recebiam roupas novas, sendo um vestido e casaco listrado de azul e branco, um lenço de cabeça branco, meias e sapatos grosseiros de madeira, como tamancos.

Após 1941 a nutrição no campo ficava cada vez pior. Segundo um relatório pesquisado por Saidel, “a ração consistia em meio quilo de pão, metade a três quartos de um litro de verduras e legumes, algumas batatas e sopa de manhã ou à noite” (SAIDEL, 2009, p.34). Aos sábados e domingos, linguiça ou um pedaço de queijo, e semanalmente uma colher de malte e um pouco de marmelada. Carne, só aos domingos. A chamada começava às quatro horas da manhã.

Segundo Saidel (2009), em consequência da superlotação, em 1945 as condições de higiene ficaram ainda mais precárias e o número de mortes por fome e doenças cresceu. Os corpos eram enterrados em covas que foram abertas no bosque próximo e cemitérios da cidade, onde se ordenava aos visitantes locais que saíssem enquanto se realizavam os sepultamentos.

Olhar para as lembranças vividas em Ravensbrück é olhar também para uma questão de gênero dentro do sistema de campos de concentração nazista, e de acordo com Saidel (2009), é possível observar aspectos positivos e negativos ao comparar

homens e mulheres. As mulheres por possuírem uma educação ligada às habilidades e afazeres domésticos, e alimentação estavam familiarizadas a atividades que lhes permitiam cumprir rotinas de higiene e serviços domésticos que ajudavam a suportar a vida. Por outro lado, as mulheres estavam vulneráveis quanto a gravidez que era punida com a morte ou aborto forçado, e algumas a fim de salvar os filhos de um futuro terrível forçavam abortos ou matavam seus bebês.

Apesar da promulgação da Lei para a Proteção do Sangue e Honra Alemães em 15 de setembro de 1935 que proibiam “arianos” de ter relações sexuais com judias, o medo do estupro ou abuso sexual era uma realidade enfrentada pelas mulheres, já que estas leis eram constantemente infringidas, sendo muitas mulheres obrigadas a desfilarem nuas nos campos de concentração e se prostituírem em bordéis da SS instalados em campos masculinos a partir de 1941. Em alguns casos era dito às mulheres que após seis meses receberiam a liberdade.

Testes cirúrgicos e de medicamentos experimentais foram realizados com as prisioneiras do campo entre agosto de 1942 e 1943 a fim de obterem respostas para aplicação de técnicas e drogas nos combatentes na guerra e, por vezes, eram realizados com o consentimento das prisioneiras perante promessa de liberdade. Sob essa mesma ótica a presença de prostitutas com doenças, como sífilis e gonorreia, foi encarada como a oportunidade em realizar experiências com o propósito de encontrar a cura, cujas iniciaram após instruções de Himmler ao médico chefe da SS, Ernst Grawitz e ao médico do campo, Sonntag.

Em Ravensbrück, em casos de sabotagem, resistência, desobediência e incompetência, vários métodos de tortura eram utilizados, entre eles, a sala de gelo, onde as prisioneiras eram despidas e jogadas numa sala extremamente gelada com os pés sobre gelo. Diante disso, segundo Helm (2017), outra tarefa do médico do campo era decidir se a mulher condenada a certos tipos de castigos, conseguiria sobreviver ou quanto aguentaria. As regras estabeleciam que as que tivessem muito debilitadas, com febre alta ou alguma doença avançada não passariam por castigos como o açoitamento.

A menstruação era um problema pois elas não dispunham de toalhas higiênicas ou qualquer outro meio de absorver o fluxo, e o sangue escorria pelas pernas quando se

achavam na *Appell* para o trabalho. Por fim o ciclo menstrual não se tornou um problema sério ao extremo, pois como consequência da dieta pobre em nutrientes e da grande perda de peso as mulheres pararam de menstruar naturalmente.

Em 1942, próximo a data da Conferência de Wansee, que discutiu e determinou a cooperação para a realização da Solução Final para o problema judeu, a primeira sessão de gaseamento em massa de mulheres estava para acontecer, e deveria ser organizada e realizada com sigilo. Os gaseamentos ocorridos no Leste, fora do território da Alemanha, já possuíam distância do povo alemão, entretanto este não era o caso de Ravensbrück, então o sigilo era fundamental, como informou Koegel, comandante da SS que atuava no campo, a comunidade de Fürstenberg não notou a movimentação dos vários caminhões saindo do campo e as próprias prisioneiras não sabiam o seu destino.

Ao retornarem um ou dois dias depois, os caminhões que saíram cheios de mulheres, voltaram trazendo apenas os seus pertences como roupas, muletas, óculos, bengalas, os quais foram levados para a *Effektenkammer*, onde os objetos eram classificados, listados com detalhes e guardados em sacolas de papel, as joias eram trancadas em um armário de aço.

Segundo Helm (2017), a fim de evitar provas e o fácil reconhecimento das prisioneiras responsáveis pela triagem, antes de saírem para o destino final, as escolhidas trocaram o uniforme com números e demais identificadores que usavam no campo por roupas comuns identificáveis. Porém, alguns dos objetos de uso indispensável e pessoal foram reconhecidos pelas prisioneiras responsáveis pela triagem, que começaram a especular se suas colegas haviam sido levadas para outro campo e lá receberam novas roupas ou se estavam mortas, o resultado foi o pânico de umas e o silêncio doloroso de outras ao perceberem a verdade sobre o que tinha ocorrido, como conta Rosa Jochmann.

Meia hora depois do caminhão voltar, todo mundo no campo sabia, todos entenderam que as mulheres estavam mortas. Houve um silêncio cruel. As mulheres não falavam entre si – nem as prostitutas. Em geral, aos domingos havia uma hora em que as mulheres cantavam juntas, mas naquele domingo todas ficaram em silêncio. Todas obedeceram caladas à distribuição de tarefas na chamada. As Blockovas não precisaram gritar. (HELM, 2017, p. 210)

A sobrevivente Maria Adamska em depoimento a Helm (2009, p.212) contou que quando as prisioneiras enviadas para a morte começaram a receber cartas de familiares, o que era comum e permitido no campo, as secretárias, supervisionadas pela SS, receberam a ordem de buscar as fichas nos baús metálicos que junto a elas estavam atestados de óbito. O local da morte era sempre Ravensbrück, as datas estavam sempre no futuro e a causa poderia ser preenchida como desejassem entre as opções “problema cardíaco, infecção pulmonar, má circulação cardíaca, ou podia ser: ‘todos os esforços médicos para salvar a pessoa foram em vão’”.

Para manter a farsa, o interesse da população controlado e o mais distante possível, as prisioneiras secretárias também preparavam cartas informando todos os dados falsos descritos nas fichas e nos atestados de óbito, além de avisá-los que não era possível ver o corpo por ter sido cremado devido ao risco de infecção, mas em troca de uma quantia, poderiam receber as cinzas falsas do ente querido em uma urna.

Em seus territórios de ocupação, os chefes possuíam total autonomia dada pelo Führer para cumprirem o seu objetivo final, isto é, torná-los germânicos puros, mesmo que os métodos pudessem ser alvo de questionamento legal diante de um sistema jurídico formal que podia atrapalhar o extermínio. Hitler buscava manter o genocídio sob segredo total com o uso de linguagem cifrada em ordens dadas por escrito, porque não queria que a matança fosse conhecida no exterior nem na própria Alemanha.

Para atender este propósito, uma circular secreta de Martin Bormann, chefe de gabinete de Hitler, emitida em 11 de julho de 1943 para líderes regionais nazistas, reafirmou “por ordem do Führer”, a estratégia de seguir mentindo sobre o destino dos judeus: “Em discussões públicas sobre a questão judaica, deve-se evitar qualquer menção a uma futura solução completa. Por outro lado, pode-se discutir o fato de que todos os judeus estão sendo internados com o propósito de trabalhos forçados” (FLEMING, 1984, p.22).

Em Ravensbrück as mulheres trocavam receitas e tentavam as escrever em pequenos pedaços de papel que conseguiam encontrar, o que resultou em alguns pequenos livros culinários, entre eles o de Becky contendo pequenas 110 páginas, “as próprias receitas eram extraordinárias e elaboradas, como se apenas as receitas mais

especiais tivessem o poder de transportar aquelas mulheres para longe de sua cruel realidade” (SAIDEL, 2009, p.73).

Para levantar o moral as prisioneiras confeccionavam pequenos presentes, bordados feitos de forma muito delicada, desenhos para presentear e retratar os horrores do campo, compartilhavam lembranças, escreviam poemas e davam aulas escondidas para as crianças acreditando que saíam vivas. Além disso sempre que conseguiam sabotavam seu trabalho na Siemens, roubavam jornais e listas.

As mães ficavam com seus filhos nas barracas e quando saíam para trabalhar instruíam as crianças mais velhas a cuidar das mais novas e bebês. As mulheres que trabalhavam na cozinha roubavam míseros pedaços de pão e dava para seus filhos a fim de tentar salvá-los da morte pela fome. Muitas crianças que ficavam órfãs eram adotadas pelas mulheres que estavam mais fortes.

REFERÊNCIAS

FLEMING, Gerald. **Hitler and the Final Solution**. Berkeley: University of California Press, 1984.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os carrascos voluntários de Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HELM, Sarah. **Ravensbrück**: A história do campo de concentração nazista para mulheres. Rio de Janeiro: Record, 2017.

HYDER, Evelyn. **Women in the Holocaust**: The memoirs of Ruth Kluger, Cordelia Edvardson, and Judith Magyar Isaacson. 2009. 73 f. Thesis (Master of Arts), Bowling Green State University, Ohio. Disponível em: <https://etd.ohiolink.edu/rws_etd/document/get/bgsu1241209221/inline>. Acesso em: 05 out. 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

SAIDEL, Rochelle G. **As judias do Campo de Concentração de Ravensbrück**. São Paulo, SP: EDUSP, 2009.